

SHREK : UMA (RE)LEITURA DE ALGUNS CONCEITOS PERTINENTES A ESCOLA QUE CONDUZEM AO ENSINO-APRENDIZAGEM DE VALORES

Sandra Rosa Campi Guimarães Silva

Graduada em História pela Universidade Federal de Uberlândia
Aluna da pós graduação em Docência no Ensino Superior pela
Faculdade Católica de Uberlândia
sandracampi@yahoo.com.br

Introdução

A cultura que antigamente era transmitida pela família e pela religião agora é ditada pela cultura midiática, esta nada mais é do que a overdose de imagens, produzidas com recursos de marketing, que conduz o indivíduo a desejar e consumir o produto da propaganda, portanto tal cultura não tem fins sociais, mas mercadológicos com vista para os lucros. Sutilmente a cultura midiática impõe as condutas esperadas pelas empresas, isso ocorre de tal maneira que o indivíduo que a recebe nem sequer consegue perceber como seus valores tem sido alterados por essa cultura, de repente o sujeito se vê na obrigação de consumir determinado produto para ser aceito pela coletividade é “a coletivização a serviço da barbárie” (CALDAS, 2006, p. 84). Ou seja, a massificação do consumo sutilmente vai avançando e reproduzindo a dominação e a exclusão de alguém por aquilo que tem ou que não tem (ROSO et al, 2002).

As crianças são os principais alvos desta cultura, pois antes mesmo de serem alfabetizadas pela escola elas já realizam leituras consumistas. A mídia assumiu o papel da escola e também da família, pois é através dela que a criança toma conhecimento dos famosos contos de fadas, ao contrário do que acontecia anteriormente quando as mães ou as professoras faziam a “contação de estórias”.

Não é preciso muita imaginação para se perceber que essa colonização do simbólico pela propaganda vai influenciar a formação cultural e espiritual das crianças [...] No vácuo axiológico que ela ajudou a criar, a propaganda tenta estabelecer seus próprios valores ritos e crenças [...] declara serem as marcas uma religião, talvez a única religião universal dos nossos dias (MOREIRA, 2003, p. 1219)

Assim são construídos estereótipos que em poucas palavras não passam de modelos a serem seguidos, aqueles que se enquadram nesses modelos são aceitos pelo grupo, aqueles que não se enquadram são desprezados. A cultura de massa quer que todos se enquadrem em um estereótipo, no caso magro, belo e jovem, aqueles que não se

enquadram desenvolvem neuroses em busca destas metas estéticas, as mulheres, por exemplo, praticam dietas e abusam de qualquer recurso que lhes proporcione o resultado desejado. Para os padrões de hoje até mesmo a “Vênus de Milo, se hoje andasse pelas ruas, passaria por uma mulher gorda, pois suas medidas são: 119-98-120[...]” (MURARO, 1970 p. 68). Um exemplo recente de como os estereótipos causam neuroses é o caso do astro Pop Michael Jackson. Hostilizado por seu pai desde a sua infância pela sua aparência, o jovem cresceu cheio de complexos. Introjetou de tal maneira os estereótipos da cultura midiática que afirmava ser o Peter Pan, o menino que jamais cresceu. Ao mesmo tempo em que acreditava ser o famoso menino da Terra do Nunca, confessou em uma entrevista que se achava parecido com um lagarto. Desenvolveu um distúrbio psicológico chamado dismorfia corporal, que nada mais é do que a não aceitação da aparência natural de uma ou mais partes do corpo. Michael se submeteu a diversas cirurgias plásticas em busca da imagem perfeita, queria que seu corpo combinasse com as roupas que vestia, estas eram conscientemente confeccionadas para se parecerem com os trajes dos príncipes dos desenhos infantis, e também com o seu comportamento social, este também era inspirado na personalidade heróica dos personagens dos filmes. Assim como o cantor muitos também absorvem a cultura midiática, naturalizam os estereótipos e vivenciam essa escravidão aos modelos.

Apesar de a cultura midiática estimular o narcisismo, esta vem como negação do original e uma busca incessante pela perfeição e artificialidade, outro exemplo disso é o *Cosplay* que quer dizer brincar de costumes ou brincar de teatro. É o desdobramento da imposição dos estereótipos aliados a tecnologia moderna. A modernidade e suas tecnologias têm isolado cada vez mais o indivíduo, a *Internet* traz o mundo em casa, não é preciso mais sair do conforto do lar para manter relações sociais, pois a própria ferramenta da *web* traz páginas de relacionamento. Além disso, os excluídos, por não se enquadrarem no estereótipo estético que a sociedade impõe, cada vez mais estão reclusos a individualidade e a solidão. O *Cosplay*, apesar de vir sob a alegação de uma brincadeira, é praticado como uma esperança de aceitação social, pois ao vestir-se como personagens de desenhos japoneses o indivíduo nega sua aparência, sua personalidade e alega que por reconhecer-se na figura do desenho animado, acabou por interpretá-lo. Além disso, o *cosplay* também promove reuniões e encontros de pessoas que da mesma maneira se fantasiam de figuras de desenhos. Assim, podemos dizer que ao interpretar um personagem de desenho assumindo suas roupas, valores e ações sob a alegação de

reconhecimento, o jovem pode sentir a esperança de pertencimento social, mesmo que para pertencer ele não possa ser ele mesmo (COELHO JUNIOR, 2007).

Na escola essa divisão entre aceitos e não aceitos é evidente, no próprio pátio e nas salas de aula temos os alunos “populares, os normais e os nerds”. Os populares são os aceitos, aqueles que se enquadram no estereótipo, os belos, os que consomem e reproduzem a dominação, os nerds são justamente o oposto dos populares e justamente por não se enquadrarem nos modelos eles são introvertidos, os normais são os intermediários aqueles que oscilam entre um grupo e outro (CALDAS, 2006).

Todo este estímulo a individualidade prejudica a sensibilidade da criança, que mesmo vendo nos telejornais imagens comoventes, não consegue se solidarizar com o outro, o máximo que o outro se aproxima é no mundo virtual das páginas de relacionamento. A mídia é a grande educadora infantil da modernidade, cabe ao educador saber aproveitar esse recurso a seu favor descortinando as sutilezas da cultura midiática.

No âmago da leitura ou do espetáculo cinematográfico, a magia do livro ou do filme faz-nos compreender o que não compreendemos na vida comum. Nessa vida comum, percebemos os outros apenas de forma exterior, ao passo que na tela e nas páginas do livro eles nos surgem em todas as dimensões subjetivas e objetivas. (MORIN, 2003, p. 50)

O filme Shrek foi produzido pelo estúdio Dream Works e utiliza de figuras que também são utilizadas pela Disney como: os três porquinhos, o gato de botas, os sete anões. No entanto, segundo Mittmann (s.d.), ao contrário daquilo que a maioria escreve sobre o filme Shrek, o filme não anula os estereótipos estéticos, reproduzidos pelos filmes de princesas Disney, pois mesmo se tratando de um casal de ogros, não admite a união de um feio a um companheiro belo: ogro com ogra, e em Shrek 2: belo com bela. Apesar de concordarmos com este posicionamento a respeito da estética dos protagonistas acreditamos que o filme pode ser explorado revelando os estereótipos estéticos através de outros personagens e também desconstruindo outros preconceitos. Em outras palavras, as exibições dos filmes podem não atender por completo as expectativas quanto à discussão dos estereótipos estéticos, mas pode impulsionar a discussão a esse respeito, além disso, outras questões poderão ser suscitadas pelo professor.

Este artigo tem como objetivos analisar algumas cenas dos filmes Shrek procurando destacar momentos do filme que poderão ser utilizados no ensino-

aprendizagem de valores, estes segundo Zabala (1998) juntamente com os Saber e o Saber-fazer contribuem para a formação integral do sujeito. Ao levar para as salas de aula as discussões sobre valores o professor desconstrói a cultura midiática e promove a construção de uma consciência crítica no aluno, esta o levará a (re)ler as imagens que lhe são apresentadas, buscando discernir os estereótipos nelas contidas em busca de uma conduta mais ética e social. É preciso lembrar que o professor não deve criticar artificialmente a cultura midiática, mas se apropriar dos mesmos recursos que ela usa, as imagens, para reconstruir uma cultura verdadeira que reconheça a complexidade das relações humanas, a diversidade em oposição à massificação e coletivização.

Shrek: o princípio da discussão

No primeiro filme Shrek ocorre a ambientação do cenário onde ocorrerá o desenrolar do filme. Em um pântano sujo e nojento mora um ogro feio, solitário, temido pelos moradores da redondeza que insistentemente tentam capturá-lo. No entanto, apesar de não se enquadrar nos padrões estéticos e pela sua exclusão social o ogro vive de certa forma feliz. Esta felicidade somente é abalada quando o Lorde Farquaad prende e exila os seres de contos de fadas no pântano do ogro. Shrek se revolta pela perda de sua privacidade, resolve tirar satisfações com o Lorde. Nesse encontro é feito um acordo entre o cavaleiro e o ogro: se o ogro libertasse a princesa Fiona, que estava presa em uma torre protegida por um dragão, o Lorde Farquaad se comprometeria a retirar os intrusos do pântano do ogro. Shrek aceita o acordo e juntamente com o Burro Falante se empreita nessa missão. A princesa Fiona com dificuldade é resgatada, ela esperava que fosse liberta por seu príncipe, mas o que acontece não lhe parece nenhum pouco romântico: um ogro feio e nojento a serviço de um Lorde veio resgatá-la. A caminho do castelo é revelado aos espectadores e depois ao Burro Falante um segredo da princesa: ela foi amaldiçoada a diariamente no pôr-do-sol se transformar em uma ogra, somente o beijo de um verdadeiro amor poderia devolver a princesa sua forma verdadeira. Neste percurso Shrek e Fiona se apaixonam, porém seus complexos não lhe permitem viver esse amor, o ogro entrega a princesa ao Lorde. O Burro Falante como a voz da sabedoria revela a Shrek que a princesa o ama e que ele está prestes a perder seu grande amor. O ogro retorna ao castelo, a princesa revela seu segredo, o beijo do verdadeiro amor

acontece, Fiona toma a sua forma verdadeira e se torna uma ogra em tempo integral. Os dois se casam.

Neste filme temos a demonstração clara de como os estereótipos estéticos excluem o indivíduo a viver solitário. O ogro do pântano por não se enquadrar no padrão de beleza se isola, se conforma, se acomoda a solidão, desenvolve meios de ser feliz mesmo solitário. A perda da solidão abala seu mundo, ele não sabe viver em grupo, ele não sabe o que é ter amigos, ele se irrita somente em pensar em perder a única coisa que conquistou: o isolamento. “Na conformidade há uma adesão mínima necessária para a convivência em grupo. [...] No conformismo, por sua vez, há uma adesão total a valores, opiniões, estereótipos impostos de fora, sem qualquer questionamento” (CALDAS, 2006, p.84). O ogro está no conformismo ele aceitou sua exclusão ele comprou a idéia de que não se enquadra. Ele não questiona, ele se isola.

A captura e o exílio dos seres dos contos de fadas promovido pelo Lorde Farquaad nada mais é que a negação da diversidade, a naturalização da exclusão, ou seja, aquilo que não é normal, que não é igual, que não se enquadra é anormal e deve ser combatido, isolado. O Lorde é personificação da cultura midiática que quer banir o diferente, promover o convívio em grupo apenas para os iguais, sejam esses iguais naturais ou artificiais.

A decepção da princesa Fiona com seu “cavalheiro salvador” é a exposição das expectativas femininas inculcadas pela cultura midiática. A mulher não pode salvar a si mesma, tem que esperar um “macho” para libertá-la, quando o ogro tira o elmo e a princesa vê seu rosto é evidente a decepção, pois no senso comum dos contos de fadas que se naturalizaram no cotidiano da vida real o salvador é um belo, nobre e gentil príncipe. A excepcionalidade da história de Fiona não é por acaso, o que podemos trabalhar nestas cenas é que nem sempre o belo é o bom, na maioria das vezes a realidade revela que para ser bom, cavalheiro e gentil, basta ter atitude, beleza não é a única virtude de um herói é necessário coragem para enfrentar o que parece impossível e ser herói de si mesmo.

Outra cena que demonstra a naturalização dos estereótipos estéticos é o momento pós beijo, quando a princesa se decepciona ao perceber que não se tornou a princesa bela do dia, mas a ogra, isso porque a maldição dizia que ela recuperaria sua verdadeira forma, Fiona, apesar de bela durante o dia, tinha comportamento de ogra, seu verdadeiro eu era ogro, ela queria ser bela para ser aceita, mas a quebra do

encantamento não garantia que Fiona seria quem queria ser, mas o que realmente é. Para Shrek, que tem seu modelo de beleza divergente do senso comum, afirma: “Mas você está linda!”. É verdade que ogro casou com a ogra e os estereótipos, de que feio fica com feia e belo com bela, foram mantidos, mas a exposição da realidade foi feita, a discussão está posta, cabe ao professor perceber que nem sempre conseguimos vencer a cultura midiática, mas expor seus artifícios é o primeiro passo para o combate.

Shrek 2: a discussão se mantém

Fiona e Shrek estão vivendo felizes sua lua-de-mel, o pântano é o lugar perfeito para os dois. Shrek não é mais um ogro solitário, ele tem uma esposa e um amigo verdadeiro. A felicidade do casal é abalada pelo convite dos pais de Fiona, que desejosos em conhecer o marido da filha, os esperam para participarem das honras reais do matrimônio. Os três personagens embarcam nessa longa viagem rumo a Tão, Tão Distante. Na chegada são recebidos pelos pais de Fiona e pelo povo, nesse momento fica evidente a decepção dos sogros com a escolha do príncipe, eles esperavam um belo rapaz, digno de desposar uma verdadeira princesa. Os complexos de Shrek vêm à tona. Na trama surgem mais dois personagens: o príncipe Encantado e a Fada-Madrinha, mãe e filho cobram o rei, pai de Fiona, que tome atitudes para que o príncipe seja esposo de Fiona, o não cumprimento do trato resultaria em uma maldição lançada pela Fada-Madrinha, esta transformaria o rei em sapo. O rei, motivado pela não-aceitação do genro e pelo medo da maldição, contrata um matador de ogros: o Gato de Botas. Enquanto o rei tomava suas providências, a Fada-Madrinha também tomava as suas, convencendo Fiona de que Shrek não era ideal para ela e por outro lado alimentando os complexos de Shrek alegava que jamais poderiam ser “Felizes para Sempre”, pois essa graça somente era alcançada quando ocorria a união de nobres príncipes e princesas. Shrek compra a idéia da Fada-Madrinha e rouba uma poção mágica que torna ele, o Burro e Fiona em verdadeiros ícones de beleza. Aproveitando da situação a Fada-Madrinha aprisiona Shrek, Encantado finge ser o marido de Fiona, esta estranha o comportamento do esposo, mas acaba acreditando que a poção mágica transformou Shrek em um príncipe loiro arrogante. O que Fiona não sabia era que a meia-noite com o beijo do príncipe o resultado da poção se tornaria permanente. Shrek com a ajuda do Gato de Botas e dos outros seres dos contos de fadas que se tornaram seus

amigos consegue fugir e chegar a tempo de impedir o beijo. O casal decide que não querem a felicidade a moda dos contos de fadas, querem a sua versão do “Felizes para Sempre”. O beijo de Shrek e Fiona anula o feitiço, Encantado foge, a Fada-Madrinha é banida, mas antes consegue transformar o rei em um sapo.

Se em Shrek a cultura midiática de exclusão é representada pelo Lorde, em Shrek 2 é representado pela Fada-Madrinha. Este personagem aparece para Fiona dentro de uma bola de sabão, oferecendo à princesa a felicidade em forma de bens materiais como: beleza, dinheiro, roupas, e como não poderia faltar, o macho perfeito. Como não consegue convencer Fiona ela muda de alvo, toca a ferida de complexos de Shrek e afirma: “os ogros não vivem felizes para sempre”, em outras palavras, somente os belos, os nobres, os príncipes e princesas vivem felizes para sempre.

Neste filme continua a abordagem sobre os estereótipos estéticos impostos pela cultura midiática. Além das cenas supracitadas, podemos percebê-la na decepção dos pais de Fiona ao verem seu genro e na própria negação da aparência realizada pelo protagonista. O pai de Fiona principalmente não disfarça que está insatisfeito com a (má) escolha da filha. Shrek sente novamente a exclusão causada por sua aparência, mas desta vez ele não se acomoda ele busca soluções para essa exclusão, no entanto essa solução não é o combate ao modelo de beleza, desta vez Shrek busca a fórmula da beleza, quer se enquadrar, quer ser aceito por sua aparência, quer ser feliz para sempre com sua princesa. Assim como Shrek quantas pessoas têm adoecido e desenvolvido neuroses como citamos anteriormente em busca do corpo perfeito, artista, pessoas comuns arriscam sua saúde e suas vidas para atingir a perfeição estética. Shrek fura o esquema de segurança, se arrisca, se encoraja e toma a poção mágica, como na realidade não existe magia capaz de ter os mesmos efeitos a saída são as cirurgias, as academias, as dietas, as massagens, dentre outros artifícios.

O filme também desconstrói a relação de beleza e bondade, o Príncipe Encantado apesar de belo é um sujeito mau caráter, usurpador, arrogante, ama mais a si mesmo do que a princesa. Shrek mesmo sendo ogro é o príncipe encantado para Fiona, mesmo sendo por um momento belo é um ogro, a aparência dele não muda sua essência e é justamente esta que despertou o amor de Fiona e a amizade dos outros personagens.

Shrek Terceiro: a discussão se aprofunda

O Filme Shrek Terceiro inicia com a ambientação de dois núcleos: o castelo de Tão, Tão Distante e um bar. No palácio de Tão, tão Distante o rei, pai de Fiona, dá suas últimas palavras em seu leito de morte, solicita que seu genro assuma a coroa e reine em seu lugar, vendo o rei que Shrek provou não conseguir e também não querer desempenhar essa função, cita o nome de um primo que depois de Shrek seria o sucessor à coroa: Arthur. No segundo núcleo temos o Príncipe Encantado trabalhando como ator em um botequim, onde é vaiado e ironizado. Encantado foge para seu camarim e começa a planejar sua vingança. Enquanto isso Shrek, acompanhado do Gato de Botas e do Burro, que se casou com o dragão e tem três filhos, embarca em um navio com a meta de trazer Arthur para a coroação, enquanto o navio se afasta Fiona revela aos gritos a Shrek que está grávida. Shrek chega ao colégio de Arthur, vê um cavalheiro belo e corajoso e imagina que este é o primo de Fiona, mas para sua surpresa o rapaz procurado é um aluno franzino e excluído pelos demais. Encantado convence os vilões dos contos de fadas a darem uma reviravolta na realidade, invadindo o reino e tomando o poder, os vilões aderem à idéia. Shrek consegue trazer Arthur a força para o reino, mas o navio naufraga e eles ficam perdidos até encontrarem o Mago Merlim, ex-professor de Arthur que se afastou da profissão porque segundo o aluno o professor ficara louco. Encantado invade o reino de Tão, tão Distante justamente no momento onde Fiona e as demais princesas dos contos de fadas estão realizando um chá de berço. As princesas conseguem fugir, porém Rapunzel trai as amigas e as entrega a Encantado, este trancafiava as princesas em um castelo distante. Com a ajuda de Merlim, Shrek, Gato de Botas Arthur e o Burro chegam ao reino se deparam com o caos provocado pela invasão dos vilões liderados por Encantado. Shrek é preso, Arthur desiste de reinar e vai embora. As princesas cansadas de esperar pela salvação dos príncipes, se organizam e fogem da prisão, estas chegam ao palácio justamente no momento onde Encantado encena uma peça, onde ele herói, derrota o ogro, por um momento conseguem libertar Shrek, mas os cúmplices de Encantado contêm as princesas. Neste momento chega Arthur, este convencido pelo Burro, decide tomar coragem e salvar o reino, convence os vilões a mudança, estes soltam Shrek. Arthur é coroado rei e Shrek está livre da obrigação da sucessão real.

Neste filme os estereótipos estéticos ainda se mantêm, mas agora ele é abordado através de outro personagem, além disso, outros temas são inseridos na discussão.

Na abordagem dos estereótipos estéticos Shrek troca de lugar, deixa de ser a vítima e torna-se o sujeito que pratica a exclusão. Quando o protagonista chega ao colégio de Arthur ele logo avista um cavaleiro belo e corajoso, pré-julga que este deveria ser o primo de Fiona, se surpreende quando percebe que o adolescente que ele procura é o “Mané” na escola, hostilizado pelos colegas. Uma cena interessante ocorre quando Shrek chega ao ginásio e o cavaleiro que pensava ser Arthur começa um discurso onde ironiza e menospreza Arthur, esta cena se aproxima muito da realidade escolar quando há a divisão entre os populares e os nerds que abordamos anteriormente, os populares são eleitos pela comunidade por se enquadrarem nos estereótipos. Por serem os preferidos passam a hostilizar e excluir os demais, eles não querem perder seus privilégios de populares do colégio.

Pense numa selva: o popular é o último da cadeia alimentar. É o leão, o mais forte de todos. Faz o que quiser, ninguém mexe com ele. Na gincana do meu colégio, uns meninos dançaram vestidos de mulher. Como a maioria não era popular, todo mundo zoou. Se eu fosse dançar, iriam até bater palma, porque eu sou popular e eles não podem me rebaixar. Popular tem muitos amigos, mas só uns são de verdade. Tem gente que fala: ‘Ele é popular, vou ficar na cola dele’ e aquele outro que pensa que nem nos reinos antigos, vou chegar nele, jogar ele para fora e ficar no poder. O lado bom de ser popular é que todo mundo te conhece e te acha simpático. O ruim é que tudo o que você faz ficam sabendo. Imagine que eu dou uma cantada numa menina e ela não aceita. Era para ser secreto. Como eu sou popular, as pessoas vão saber e podem me rebaixar. E para sair do chão não é fácil. (VITOR, apud, CALDAS, 2006, p. 78)

Essa fala destacada do artigo de Caldas (2006) não é algo isolado apenas nesta escola onde o pesquisador fez suas entrevistas, acontece em todas as escolas, o problema está no fato de aceitarmos essa exclusão como algo natural da adolescência, sem realizar a devida crítica de que na escola são reproduzidas as realidades sociais, onde há sempre a oposição entre aqueles que se enquadram e aqueles que não se enquadram nos estereótipos. A cena deve ser amplamente discutida, muitos alunos com certeza irão se reconhecer em Arthur e uma minoria vão perceber que são agressores morais. Cabe ao professor ensinar aquilo que é “tecido junto” (MORIN, 2003), ou seja, o currículo oculto, os valores morais. Ensinar que todos, dominados e dominadores, dividem a condição humana que os tornam iguais, além disso, dividem um espaço público que não pertence aos dominadores, mas a todos os humanos, sendo portanto, urgente a construção de um espaço de respeito, tolerância e compreensão.

Outra cena que nos chama a atenção é o momento onde Fiona discursa para as princesas convocando para que tomem atitudes e não fiquem apenas esperando a salvação masculina, a reação das princesas foi imediata: levantaram, ajeitaram os vestidos e se sentaram elegantemente para esperar o momento que os príncipes chegassem. Fiona reforça novamente sua decisão, estimulando as princesas a não esperarem, mas utilizarem de seus poderes individuais para libertarem-se por si mesmas. A rainha, mãe de Fiona é a primeira a aderir à idéia e com a própria cabeça quebra as paredes da masmorra. Em outras cenas vemos a Branca-de-Neve e as outras princesas em uma postura ativa e não mais passiva a espera da salvação masculina. As princesas se organizam, lutam usando suas forças e seus dons, se esforçam ao máximo e conseguem fugir e chegar a tempo de salvar Shrek. Aqui podemos relacionar o simbolismo da mulher perfeita, resignada, passiva, com a mulher da atualidade que sustenta sua família que arregança as mangas e não espera pela salvação masculina, tornando ela mesma o único sujeito de sua salvação, de seu desenvolvimento de suas vitórias.

Um detalhe importante desse filme é a família do Burro Falante, este casou com o dragão e tem três filhos metade burro metade dragão. Este relacionamento entre figuras diferentes também poderá ser abordado, pois enquanto com os protagonistas ogros casa com ogros, com os coadjuvantes isso não ocorre. As diferenças são visíveis, mas não impediram que o Burro e o Dragão tivessem seu “Felizes para Sempre”.

Por último e não menos importante, temos o discurso de Arthur para convencer os vilões de mudarem suas posturas na história. Arthur que sempre esteve do lado dos conformados, muda de posição e se encoraja a estimular o outro a também mudar: “o que realmente importa é o que pensa de si mesmo [...] a única pessoa que pode te atrapalhar é você”. Neste filme temos o deslocamento de papéis: Shrek deixa de sofrer pelos estereótipos e passa a praticar os pré-julgamentos quando vê Arthur; as mulheres deixam de esperar e vão a luta pela sua liberdade; o adolescente vitimado pela crítica se encoraja e também encoraja os outros a mudança, lembrando que cabe a cada um deixar de ser dominado e também de ser dominador, para tornar-se mais justo, seu discurso apela para o subjetivo lembrando que mesmo aqueles que são dominadores em dado momento já foram dominados, enxergando que o “eu” em outros tempos foi o “outro” é colocada a idéia de mudança de postura.

A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos: ela nos torna abertos a seus sofrimentos e

suas alegrias. Permite-nos reconhecer no outro mecanismos egocêntricos de autojustificação, que estão em nós, bem como as retroações positivas (no sentido cibernético do termo) que fazem degenerar em conflitos inexplicáveis as menores querelas. É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão. (MORIN, 2003,p.51)

Este filme tem como objetivo despertar o reconhecimento do eu no outro, ou seja, simbolizar a realidade através das tramas da vida dos personagens, quer que os papéis se invertam, deixando a passividade de lado em busca da auto-libertação da dominação e exclusão.

Shrek Especial de Natal: uma revisão de alguns temas

O filme em questão é curto e simples. É Natal, Shrek por ser solitário nunca comemorou a data. O Burro novamente tenta convencê-lo a comemorar o Natal, o protagonista apenas admite a idéia quando Fiona se anima. Shrek desesperado corre até a cidade onde adquirir um manual de Natal, começa os preparativos. Shrek e Fiona deixam claro para o Burro que gostariam de comemorar seu primeiro Natal em família, ou seja, o casal e os trigêmeos. O Burro entende que Shrek quer um Natal em família, porém o conceito de família para o Burro é diferente do conceito de Shrek. Quando tudo parece calmo e perfeito o pântano é invadido novamente pelos amigos de Shrek. Os personagens dos contos de fadas invadem a casa e tiram a privacidade do casal. Shrek se irrita e expulsa os convidados. Fiona envergonhada resolve ir pedir perdão para os amigos. Sozinho Shrek reflete e decide pedir perdão também. Os amigos voltam para a casa de Shrek e começam uma disputa para saber quem finalizará a comemoração com a contação da estória do Natal. Várias versões são contadas, Shrek finaliza com a sua estória. O filme acaba com a aparição do Papai Noel.

Apesar de ser curto o filme insere outras discussões como o conceito de família e as variedades de versões para um mesmo fato. Quando Shrek e Fiona afirmam que querem passar um Natal em família, eles estão dizendo que querem a presença somente do núcleo familiar; pai, mãe e filhos. No entanto, para o Burro a palavra família tem um conceito diferente segundo o personagem “sou eu e a galera”, em outras palavras para o Burro família não é apenas a união dos iguais, mas a galera e sua diversidade. Shrek excluído nos filmes anteriores, também aprendeu a excluir, ele quer apenas a presença de seus semelhantes. Novamente o Burro toma a postura de consciência e mostra que família são todos, apesar da diversidade. Em dado momento Shrek afirma “os ogros não

comemoram nada”, ou seja, por serem excluídos estão acostumados a serem tristes, mas agora a realidade é outra, Shrek ainda é ogro, mas agora tem motivos para comemorar, ele luta para continuar sendo excluído, se acostumou com isso, mas sua nova família composta por ogros, biscoitos, ratos, porcos, burros, dragões, dentre outros, não permitem que o ogro seja solitário.

Aproveitando o gancho da demonstração da diferença de conceitos entre o Burro e Shrek, o filme demonstra a diversidade de realidades, de consciências históricas. Quando alguns personagens se dedicam a contar a estória de Natal, cada um apresenta sua versão, em cada história o eu é o protagonista. O professor pode trabalhar com essas cenas, demonstrando como cada um tem uma visão dos fatos, como cada um tem sua individualidade que os torna únicos e importantes para a sua história, que cada um ao entender a importância de sua versão possa respeitar a versão do outro, entendendo que esta tem a mesma importância para o outro que a minha história para mim mesmo.

Considerações Finais

Este trabalho procurou demonstrar como a cultura midiática tornou-se o centro de ensino aprendizagem para as crianças e os jovens, porém esta aprendizagem tem por finalidade alterar os valores para tornar os produtos fonte de desejo consumista. Cabe ao professor saber aproveitar os recursos áudio visuais para expor os objetivos mercadológicos das empresas, desconstruindo este desejo consumista e substituindo o consumo material pela consciência crítica. Quando o professor revela ao aluno que ele está absorvendo uma cultura estéril que alimenta a desigualdade e a meritocracia este passa a olhar o mundo com outros olhos, passa a enxergar as imagens que lhes chegam com consciência crítica. A crítica é o primeiro passo para a construção de uma consciência ética. (ROSO, et al, 2002).

Na escola há uma incoerência entre aquilo que dizem praticar e aquilo que verdadeiramente é praticado. Muitos profissionais acostumaram a naturalizar a relação dominação e dominados como se isso fosse algo inerente a idade dos estudantes, reproduzindo através disso as desigualdades que as escolas deveriam combater (CALDAS, 2006). Omitir a discussão na maioria das vezes é o caminho tomado pela escola, como se a omissão fosse capaz de propor soluções.

A via externa seria a introdução ao conhecimento das mídias. Como as crianças são imersas, desde muito cedo, na cultura de mídia, televisão, *videogames*, anúncios publicitários etc; o papel do professor, em vez de denunciar, é tornar conhecidos os modos de

produção dessa cultura. Seria preciso mostrar como o tratamento dado às imagens filmadas ou televisionadas, notadamente pela montagem, pode, arbitrariamente, dar a impressão de realidade (uma sucessão de planos, por exemplo, em que vemos correr, separadamente, o predador e sua presa, dá a impressão de que vemos, simultaneamente, o percurso do perseguidor e do perseguido). O mestre poderia situar e comentar os programas assistidos e os jogos praticados pelos alunos fora da classe. (MORIN, 2003, p. 77-78)

Os filmes supracitados são imagens que estão presentes no cotidiano dos estudantes, são recursos que servirão como ponte entre o estudante e o ensino-aprendizagem de valores. O professor deve despertar, para que ele mesmo não seja sujeito da reprodução da desigualdade, mas um profissional que munido de instrumentos modernos, úteis e eficazes possa expor a realidade e construir novos conceitos.

Referências:

- CALDAS, R. F. L. A escola na mídia: sobre “populares” e “nerds”. In: **Psicologia**. 2006, disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br>> Acesso em 17 de nov. 2009.
- COELHO JUNIOR, Leconte de Lisle; SILVA, Sara Santos. Cosplayers como fenômeno psicossocial: do reflexo da cultura de massa ao desejo de ser herói. In: **Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano**, 17 (1), 2007, p. 64-75. Disponível em <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br>> Acesso em 22 de mar de 2010.
- MITTMANN, Solange. Da anormalidade à beleza: leituras sob uma perspectiva não subjetiva da subjetividade. Disponível em: <w3.ufsm.br>, acesso em 22 de mar. De 2010.
- MOREIRA, Alberto da Silva. Cultura midiática e educação infantil. In: *Educação e Sociedade*, vol. 24, n. 85, Campinas, 2003, p. 1203 -1235. Disponível em: <www.cedes.unicamp.br> Acesso em 22 de mar de 2010.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MURARO, Rose Marie, A Neurose da juventude. In: _____ *Libertação Sexual da Mulher*. Petrópolis: Vozes, 1970, p. 67 -74.
- SHREK. Direção: Andrew Adamson; Vicky Jenson. Estados Unidos: Dream Works, 2001. 1 DVD (90 min), NTSC, son., color.
- SHREK 2. Direção: Andrew Adamson; Kelly Asbury. Estados Unidos: Dream Works, 2004. 1 DVD (92 min.), NTSC, son., color.

SHREK Terceiro. Direção: Chris Miller; Raman Hui. Estados Unidos: Dream Works, 2007. 1 DVD (92 min.), NTSC, son., color.

SHREK Especial de Natal. Direção: Andrew Adamson. Estados Unidos: Dream Works, 2008. 1 DVD (20 ~ 30 min.), NTSC, son., color.

ROSO, A. et al. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. In: **Psicologia e Sociedade**. n.14, p.74-94, jul/dez 2002, disponível em: <
<http://www.scielo.br>> Acesso em 17 de nov. 2009.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa : como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.